O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA INICIAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Glória Garcia da Silva (PIBIC/FA), Adriana de Fátima Franco (Orientador). E-mail: affranco@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea: Psicologia / Psicologia do Desenvolvimento Humano.

Palavras-chave: Adolescência; Redes sociais; Psicologia Histórico-Cultural.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar o papel das redes sociais na sociedade capitalista contemporânea e seus impactos na adolescência inicial segundo os pressupostos da PHC. Para tal, realizou-se estudo conceitual-bibliográfico de clássicos e contemporâneos, com levantamento no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico, resultando em onze artigos para análise. A partir das leituras realizadas, compreendemos a adolescência inicial por meio de sua atividade guia de comunicação íntima pessoal, a qual integra a necessidade de participação nas relações adultas e sua reprodução no grupo de pares, alterando o conteúdo da atividade e interesses do adolescente. Ademais, o pensamento por conceito se desenvolve em sua forma e conteúdo, permitindo consciência da realidade que se transforma em autoconsciência. Por fim, as produções bibliográficas existentes sobre a temática revelaram uma variedade de abordagens teóricas acerca da adolescência, assim como quatro eixos para análise: relações sociais, personalidade, impactos e desenvolvimento do pensamento.

INTRODUÇÃO

Historicamente, os estudos tradicionais do desenvolvimento humano reduziram esse processo a uma maturação fisiológica do homem. A Psicologia Histórico-Cultural, propõe um caminho teórico contrário à psicologia tradicional maturacionista, o qual entenda o desenvolvimento humano em sua totalidade de determinações, superando o biologicismo mecanicista para analisar aspectos tanto fisiológicos como ontológicos e culturais no processo de constituição do psiquismo (Tuleski; Eidt, 2016). Segundo a lei geral do desenvolvimento estabelecida por essa teoria, as relações sociais com o outro são essenciais para o pleno desenvolvimento, sendo por meio da internalização mediada por signos e instrumentos que as funções psicológicas superiores são desenvolvidas e passam a agir no direcionamento do sujeito, conforme suas vontades e necessidades socialmente elaboradas.

Fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, esta pesquisa tomará como enfoque os estudos referentes à periodização do desenvolvimento psíquico, que se volta à análise das etapas e períodos do desenvolvimento ao longo da vida humana. Em

específico, será tratado do período da adolescência inicial, marcada, na atualidade, pela substituição das interações presenciais por vínculos fragilizados no ambiente digital (Mascagna; Facci, 2014).

Compreende-se a adolescência como "[...] um fenômeno produzido pela história das sociedades divididas em classes sociais" (Anjos; Duarte, 2016, p. 196), e, portanto, se faz também necessária a situação do momento histórico da sociedade e das relações de produção da vida humana nela possíveis. Dessa forma, buscou-se com essa pesquisa estudar o papel das redes sociais na sociedade capitalista contemporânea e seus impactos na adolescência inicial segundo os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, a fim de responder ao questionamento: quais seriam as possibilidades coletivistas de construção de sentidos na adolescência?

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa conceitual-bibliográfica que teve como aporte teórico a Psicologia Histórico-Cultural e o Materialismo Histórico-Dialético. Foi realizada a leitura e fichamento de livros e capítulos de livros de autores clássicos e contemporâneos da teoria que discutem o desenvolvimento humano e o período da adolescência. Para o resumo em tela foi utilizada a obra de Vigotski (2006). Em seguida realizou-se levantamento bibliográfico de artigos nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico, partindo dos descritores: "redes sociais", "adolescência", "comunidades virtuais", "capitalismo" e "psicologia histórico-cultural". A partir da leitura de seus resumos, foram incluídos aqueles publicados em periódicos científicos nos últimos 5 anos que se encaixam nos objetivos da pesquisa, e excluídos estudos fora do formato de artigo e do recorte temporal, resultando em 11 artigos para leitura e análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adolescência ainda é hegemonicamente reduzida a um período de desenvolvimento emocional e sexual, fundado na maturação hormonal da puberdade. A crise, típica da idade de transição, é abordada como momento de instabilidade e turbulências emocionais de rebeldia, considerada então como patológica, a partir do viés biologizante que rege a psicologia tradicional (Anjos; Duarte, 2016). A Psicologia Histórico-Cultural compreende, contudo, que o biológico ganha significado por meio das relações sociais nas quais o sujeito está inserido – ou seja, por sua atividade. Assim, a PHC vê a essência dessas manifestações na mudança de atividade guia, que caracteriza a crise dessa idade.

A atividade guia é determinada pela situação social de desenvolvimento do adolescente – o lugar que ele ocupa nas relações sociais por meio de sua atividade. A crise do jovem é entendida, então, pelo rompimento dos vínculos e valores que partilhava com a família na posição de criança, e, ao mesmo tempo, o não adentramento nas novas relações sociais adultas que almeja (Mascagna; Facci, 2014). Dessa forma, o adolescente encontra reconhecimento no conjunto de pares, e, nesse meio, emulam as relações observadas por seus adultos de referência,

adotando a valoração do grupo acerca de tais ações, e acerca de si mesmo também, sua autovalorização. Essa atividade é denominada comunicação íntima pessoal, e guia o desenvolvimento na adolescência inicial.

As novas atividades propostas por esse meio pedem novos interesses. Vigotski (2006) põe que os interesses não são adquiridos mas sim desenvolvidos sócio-historicamente e são força motriz de todas as funções psíquicas superiores. Sua formação se dá em duas fases: a primeira, negativa, na qual há o rompimento gradual de vínculos com o meio e, portanto, de seus antigos interesses – que se manifesta em angústia e desorientação –, e a segunda, positiva, momento de novos interesses sociais, e reestruturação do psiquismo, base para um novo sistema de funcionamento psíquico (Mascagna; Facci, 2014).

Juntamente e em decorrência a esse processo, a adolescência é também o período de maior potencial para desenvolvimento intelectual. Na subordinação hierárquica das funções psíquicas, é o pensamento por conceitos enquanto neoformação típica da adolescência que organiza sob si as demais funções psíquicas, intelectualizando-as e generalizando-as enquanto processos de abstração da essência da realidade, permitindo o autodomínio da conduta (Vigotski, 2006). Ainda, ressalta-se a unidade dialética entre conteúdo e forma do pensamento: Vigotski (2006, p. 54), postula que "um determinado conteúdo pode ser apresentado de maneira adequada apenas com ajuda de determinadas formas". Essa forma, na adolescência, é o conceito: neoformação mediadora da apropriação do concreto enquanto reflexo da realidade objetiva pelo pensamento.

A apreensão de novos conceitos se dá através da comunicação com o outro e com o meio, e, portanto, eles carregam em si a ideologia social, que é então interiorizada e convertida em convicção interna da concepção de mundo político-social do adolescente, e passa a orientar seus interesses, conduta, e opiniões (Anjos; Duarte, 2016). Essa compreensão da realidade e dos outros, fruto do pensamento por conceitos, conduz ao conhecimento de suas próprias vivências, ou seja, o autoconhecimento e a autoconsciência – a consciência social transladada ao interior, o domínio da conduta por meio do reflexo na consciência das estruturas das próprias funções psíquicas. Tal processo ocorre por meio da reflexão interna do adolescente, influindo sobre o sujeito e modificando-o pelo processo de autoformação, essencial para compreender as diferenças individuais da personalidade.

No segundo momento da pesquisa, durante o levantamento acerca da produção bibliográfica existente sobre a intersecção entre a temática da adolescência e o uso de redes sociais, notou-se a variedade de abordagens psicológicas encontradas nos onze artigo selecionados: uma predominância psicanalítica de três artigos, seguidos de artigos isolados que seguem a psicologia anlítica, a teoria da autocategorização, e o interacionismo simbólico, os demais cinco artigos não deixam explícito nenhum referencial teórico. Na leitura dos artigos, foram identificados quatro eixos de análise: a fragilização das relações e pertencimento a grupos sociais; a formação da personalidade e autoimagem; os desdobramentos positivos e negativos do uso das redes sociais pelos adolescentes, e o desenvolvimento do pensamento crítico – este

último encontrado apenas em dois artigos, apesar de sua importância compreendida por nós ao desenvolvimento do psiquismo adolescente.

CONCLUSÕES

A partir dos estudos realizados, evidencia-se que a Psicologia Histórico-Cultural oferece uma compreensão da adolescência anti-hegemônica, que parte das relações sociais concretas do sujeito para entender as mudanças nas atividades deste momento, a exemplo da comunicação íntima pessoal no grupo de pares. Entende-se também que ela acarreta na formação de interesses, essenciais ao direcionamento do psiquismo à elaboração do pensamento por conceitos, que possibilita, por meio da atividade de reflexão, o translado da consciência social ao interior, ou seja, a autoconsciência do sujeito. Ainda, as produções bibliográficas existentes sobre a temática revelaram uma variedade de abordagens teóricas acerca da adolescência, assim como quatro eixos de análise a serem aprofundados: relações sociais, personalidade, impactos e desenvolvimento do pensamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Adriana de Fátima Franco por me auxiliar na condução dessa pesquisa, enriquecendo meus conhecimentos. Agradeço também à Fundação Araucária por me conceder bolsas durante esse período, as quais incentivaram minha dedicação à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, R. E.; DUARTE, N. A adolescência inicial: Comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos. *In*: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (org.). **Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico:** do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 195-221.

MASCAGNA, G. C.; FACCI, M. G. D. A atividade principal na adolescência: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. *In*: LEAL, Z. F. R. G.; FACCI, M. G. D.; SOUZA, M. P. R.. **Adolescência em foco:** Contribuições para a Psicologia e para a Educação. Eduem, Maringá, 2014. p. 45-70.

TULESKI, S. C.; EIDT, N. M. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. *In*: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (org.). **Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico**: do nascimento à velhice. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 35-66.

VIGOTSKI, Lev Seminovich. Paidología del adolescente. *In*: _____. **Obras Escogidas IV**. Madrid: Machado Libros, 2006.